

A amplitude cinematográfica

de Luiz Thomaz Reis

Fernando de Tacca



Resumo

O artigo analisa um relatório e um memorando de Luiz Thomaz Reis para Cândido Mariano da Silva Rondon, nos quais descreve suas atividades cinematográficas, permitindo-nos verificar a amplitude de seu conhecimento sobre equipamentos técnicos, proces-

samento de imagem, roteiro, produção, exibição e distribuição. Ressaltam-se as exibições de suas películas pelo interior do Brasil e o fato de realizar em 1918 um contrato de distribuição internacional com a companhia norte-americana Interocean.

Palavras-chave

Comissão Rondon, Luiz Thomaz Reis, história do filme etnográfico, antropologia visual, cinema brasileiro.

O presente artigo aborda um relatório original escrito por Luiz Thomaz Reis – dividido em três partes – e um memorando diretamente enviado por ele para Cândido Mariano da Silva Rondon. De seus relatórios, dos quais tive chance de cruzar informações com películas realizadas por Reis, somente um deles – sobre o filme *Ronuro, selvas do Xingu* (1924) – foi publicado pela Comissão Rondon. Durante minha pesquisa sobre a filmografia e a fotografia da Comissão Rondon, que resultou em vários artigos e em minha tese de doutorado publicada dois anos depois (Tacca, 1999; 2001), não tive oportunidade de ler na íntegra relatos muito importantes. Alguns fragmentos da primeira parte do relatório, escrito nos mesmos anos em que se filmou o ritual funerário bororo (*Rituais e festas bororo*), são encontrados em livros sobre a comissão e costumeiramente citados por vários autores da época (Rondon, 1946/1953; Magalhães, 1930; Viveiros, 1958), e por outros autores mais contemporâneos, que reafirmam passagens amplamente citadas em livros escritos sobre Rondon, entre os quais me incluo.

A segunda parte é um impressionante relato das tomadas de cena da caçada de uma onça, com data indefinida, no qual se afirma que o filme foi feito algum tempo depois da passagem de Roosevelt pelo Brasil – entre 1914 e 1915 –, mas antes de 1919. O filme sobre a caçada está desaparecido e, comumente, não é citado na filmografia de Reis. Constam também relatos de suas filmagens das Cataratas de Iguaçu, depois de sua estada entre os Bororo.

Os relatórios de Reis estavam em meio a centenas de rolos de microfilmes no Museu do Índio, quase impossíveis de serem encontrados sem uma boa dose de sorte, que não tive na ocasião. Não havia no museu uma única máquina de visualizar microfilmes, e somente após a estruturação levada a cabo por Denise Portugal Lasmar¹ tais preciosidades vieram à tona. Passados alguns anos da publicação de minha pesquisa, outros artigos abordaram a temática com resultados múltiplos, (Piault, 2001; Monte-Mór, 2004; Tacca, 2004), e outras atividades, como exposições e congressos, reafirmaram os mesmos extratos amplamente conhecidos desses relatórios como citados, pois aparentemente não tiveram acesso aos originais ou ocasião para um detalhamento dos mesmos. Somente na pesquisa de Lasmar encontramos os relatórios citados como fontes primárias na abordagem da temática da imagética da Comissão Rondon. Tendo em vista os dados e detalhes extremamente auspiciosos que ali são relatados, torna-se importante uma leitura atenta de suas

passagens para conhecer a amplitude da concepção de cinema em Reis.

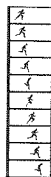
O segundo documento analisado neste artigo é um extenso memorando encaminhado por Reis diretamente a Rondon, em que Reis expõe sua visão sobre os trabalhos realizados até setembro de 1919 e propõe novos rumos para a cinematografia da Comissão Rondon, complementando nosso conhecimento atual sobre a ampla concepção de cinema em Reis.

Funeral bororo e outras filmagens

O relatório em discussão foi apresentado ao capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães², chefe do Escritório Central da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, pelo então segundo tenente Luiz Thomaz Reis. Datado de sua viagem realizada entre outubro de 1916 e março de 1917, intitula-se *São Lourenço (Bororos)*, e Reis o assina como fotógrafo e cinematografista. Ele inicia seu relato acentuando que a filmagem dos índios Bororo de São Lourenço tinha sido uma incumbência oficial que ele não diz qual foi, mas nós podemos supor uma solicitação de Rondon e, ao mesmo tempo, um meio de realizar apresentações do filme *Os sertões de Mato Grosso* (1912), película da qual restam apenas alguns fragmentos, e na qual vemos índios Nhambiquara que devem ter sido filmados durante o primeiro contato estabelecido pela

¹ O trabalho de Denise Portugal Lasmar resultou em sua dissertação de Mestrado "Estoques de informação: o acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio como fonte de informação", defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicação da UFRJ, em 2002. Agradeço sua ajuda no presente artigo.

² Documento microfilmado MI SARQ Microfilme 328 fotogramas 1090 a 1131.



comissão, na construção da estação telegráfica de Barão de Melgaço, como consta nos relatos da própria Comissão. Esse relatório trata da viagem que deu origem ao filme *Os índios coroados*, depois chamado *Rituais e festas Bororo*.

Carregando uma quantidade muito grande de bagagem, mais de quarenta caixas de presentes e equipamentos, Reis alude a um pagamento extra relacionado às taxas da companhia ferroviária, diretamente para os responsáveis nas plataformas, como seguro de seus equipamentos. Ao chegar em Bauru, surpreende-nos, e isso é pouco citado, a forma como ele articulava suas viagens para o sertão. Emergem pela primeira vez na aventura cinematográfica de Reis pelo interior suas negociações para a apresentação de seus filmes em locais muito distantes da Capital Federal, mas os interesses me parecem muito distintos. Sabíamos que seus filmes foram apresentados em casas comerciais no Rio de Janeiro e em conferências de Rondon, mas desconhecíamos o trabalho de ambulante do cinema empreendido por ele. Na passagem por Bauru rumo a Corumbá, e depois Cuiabá, para fazer a película sobre os Bororo, Reis indica que tinha compromissos já agendados com “empresários” da cidade e arredores para a apresentação do filme *Os sertões de Mato Grosso*.

Logo na chegada a Corumbá, Reis realiza a projeção do filme dizendo que conseguira apenas um acordo de 50% da bilheteria, e depois 60%, com o dono do estabelecimento, tendo de arcar ainda com o custo dos músicos militares, mas

mantendo a possibilidade de realização de lucro. Muitas mulheres não puderam assistir à exibição, pois ficariam expostas a constrangimentos decorrentes da moral vigente se vissem as cenas nas quais aparecem índios nus.

Reis chama a atenção para a má impressão causada pelo filme em Corumbá, possivelmente relacionada à presença de muitos índios, causando uma imagem negativa para a região, e diz ter começado a tomar cenas de um “filme social”, para o qual levantara fundos com a aristocracia local, algo que demonstra que os filmes eram vistos de forma diferente pelos moradores locais e os do Rio de Janeiro; para estes, era uma oportunidade de ver o Brasil longínquo, o “exótico distante”; para os moradores de Corumbá, entretanto, os índios eram o “exótico próximo”, e talvez isso fosse um “problema”. Mesmo com forte arrecadação local para o seu “filme social”, os gastos da Comissão seriam posteriormente recompensados pelo rendimento esperado do filme. A visão de mercado de Reis objetivava o financiamento de suas próprias atividades na Seção de Fotografia e Cinematografia da Comissão Rondon, criada em 1912, para continuar filmando festas e rituais indígenas, o que fez até a sua morte em 1941.

Contraditoriamente em relação ao intervalo citado no relatório, a primeira data anunciada diz que Reis partiu para a Colônia de São Lourenço no dia 23 de julho no cabeçalho deste, com 14 muare carregados de presentes, antes, portanto, de outubro de 1916. Isso se explica pela data do relatório de Amílcar Botelho de

Magalhães, encaminhado a Rondon, no qual consta o período de maio de 1916 a fevereiro de 1917, significando a data de Reis, portanto, o momento em que já estava entre os Bororo. Não está determinado o tempo que passou com eles. No caminho nada lhe chama a atenção para filmar, apesar de descrever detalhadamente a Serra dos Coroados. Ao chegar em São Lourenço, Reis é convidado pelo encarregado (J. Barbosa) para filmar o funeral de uma criança que morrerá na véspera, o que ele, imediatamente, começa a fazer em cenas exteriores, pois o interior das casas era muito escuro. Houve, contudo, conflito entre Reis e o encarregado, pois queria filmar as cenas dentro do processo natural das cerimônias e o encarregado não aceitou que fossem feitas tomadas com mulheres nuas ou em seu costume tradicional, permitindo isso somente em relação aos homens. Sua alegação era que o próprio Rondon não permitiria, e ameaçou demitir-se caso Reis insistisse em fazê-lo. Tal conflito explica algumas vestimentas presentes no filme de Reis, e mesmo que Reis fosse militar e muito próximo de Rondon, era o encarregado do SPI quem detinha o poder no local.

A questão moral é muito debatida no relatório, e Reis diz que queria apenas filmar as índias em seus costumes tradicionais, o que não recusavam, demonstrando que havia negociações para as filmagens que envolviam tanto os índios quanto o próprio encarregado.

(...) então eu consideraria tempo perdido o abalar-me do Rio de Ja-

neiro para tomar um *film* indígena, onde os filhos das selvas apa-recessem vestidos com as roupas compradas no Parc Royal: uma boa comédia; dizer-se, porém, que é imoral equivale a conceitos injustos a quem conscientemente os repele por princípio.

Podemos, portanto, à parte a discussão moral, concluir que a filmagem do ritual funeral bororo foi uma questão de oportunidade, não tendo Reis chegado com essa intenção, mas somente com a idéia de um filme sobre índios vivendo de forma tradicional. O conflito com o encarregado também se relacionou aos presentes que trouxe, pois Reis queria dar os presentes assim que as filmagens fossem sendo realizadas, enquanto o encarregado queria que ele mesmo tivesse o domínio da distribuição dos presentes, sob a alegação de pagamento por “serviços feitos pelos índios que trabalham nas roças”. Reis diz ter feito muitas tomadas que não lhe agradaram: “Esperei quanto pude para obter o *film* correcto, e fiz o que foi possível para isto, tendo perdido algumas fitas por estarem os quadros muito defeituosos com alguns tipos meio vestidos”.

Comidas do trabalho dos índios na Colônia e na moagem de cana foram tomadas ali e não aparecem na edição do filme, mas foram editadas por Rondon no livro *Índios do Brasil* (Tacca, 2001). Isso confirma que essas imagens foram realizadas no mesmo local em que Reis realizou as imagens do funeral – algo de

que, até esse momento, não tínhamos certeza. Reis também diz que tomou cenas de “indústrias” entre os Bororo, para referenciar alguns processos não-tradicionais introduzidos pelos salesianos (Novaes, 1993), mas essas cenas que não foram editadas no filme. Depois das primeiras filmagens, uma mulher mais velha morre e Reis tem, nesse segundo funeral, mais liberdade para filmar. As imagens da pescaria, presentes no início do filme, não estão, segundo ele, diretamente ligadas ao funeral, pois foram tomadas em dias comuns, mas transparecem na narrativa fílmica como parte das preparações do funeral, como transparecem em algumas passagens citadas por muitos, mas talvez readaptadas pelos primeiros a fazê-lo: “O mais sensacional quadro de vida bororo eu lamento não ter podido obter pelas razões já expostas; eram cerimônias de interior do Baíto, onde eles se reúnem para os concertos de sua crença”.

Reis relata ainda que propusera a utilização de um pano branco para filmar o interior da casa onde ocorriam cerimônias fúnebres, mas não teve “um bom gesto” do encarregado e sim sua “indiferença”. Em passagem clássica, afirma sua consciência em relação ao forte conteúdo das imagens de escarificações e descreve, de forma muito adjetiva, as características das expressões e realces de fisionomia, mas mantém seu relato em um quadro pautado pela emoção e perde a oportunidade de uma descrição etnográfica mais profunda; demonstra, todavia, conhecimento do funeral e das classificações na socieda-

de bororo. Reis não era um cineasta ingênuo, como podemos pensar, no momento em que filme os dois funerais durante sua estada na aldeia de São Lourenço. Ele descreve detalhadamente toda a série de danças e cerimônias que presencia, mas sempre tem em vista as possibilidades de filmá-la; seu olhar era de um fotógrafo e cineasta, que percebe jogos de luz e possibilidades narrativas. A descarnação do cadáver da mulher do segundo funeral é relatada, mas não merece nenhuma imagem.

Essa passagem, muitas vezes aludida, também não foi muito aprofundada em relação ao filme, pois sabíamos que Reis tinha conhecimento do processo de descarnação do cadáver. Comentei esse extrato do relatório na análise que faço do filme, mas deveria ter apontado com mais objetividade o foco que Reis deu em relação às dificuldades de filmagem. Mesmo com conhecimento de todo o processo, Reis não indica no filme esse etapa importante do funeral, talvez por não ter tido as imagens, como ele mesmo afirma. Segue a também clássica passagem da descrição do ritmo, do sangue que corria sobre o cadáver vindo das mulheres que se escarificavam, e dos cantos, gritos e lágrimas, para ele uma “visão apocalíptica”.

O cineasta lamenta a falta de luz dentro da casa e a falência de sua técnica para trabalhar naquelas condições, mas mesmo assim propôs descobrir o telhado, enfrentando objeções diretas de Manetore, o bororo chefe da cerimônia. Ainda em seu lamento

cinematográfico, pensa que haveria negociação se o encarregado fosse mais amigável. Transparece-nos que teve muitas dificuldades para filmar e negociar sua presença entre os Bororo, e culpa permanentemente o funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Ele considerava que o filme se completaria com as imagens que não pôde tomar na oportunidade e alude a Rondon como o único que poderia negociar as filmagens. Os filmes foram revelados durante a estada de Reis na aldeia bororo, prevendo problemas na projeção. Contudo, mesmo tendo revelado seus filmes na aldeia bororo, não há qualquer citação de uma apresentação das películas entre eles.

O relatório acrescenta que prestaram serviços de saúde, pois havia muitos doentes entre as 350 pessoas da aldeia, e Reis tenta correlacionar os problemas de saúde à alimentação, ao habitat e ao fato de se vestirem somente quando trabalhavam na colônia, com roupas que o SPI lhes fornecia. Essa afirmação ganha sentido quando vemos as imagens publicadas por Rondon quase trinta anos depois das filmagens, em que índios vestidos aparecem com uniformes militares em imagens cortadas na edição do filme. Reis esteve envolvido em uma questão familiar e quase trágica, a separação de um casal, relatada em alguns extratos posteriores ao relatório; desfeita a tensão, Reis novamente presencia uma luta entre os índios, que não sabe reconhecer como prática tradicional; ele a vê com olhos de cineasta e novamente

se mostra frustrado com a falta de condições técnicas para filmar à noite. O detalhamento das metragens filmadas indica que ele focalizou sobretudo as danças e as cerimônias entre os Bororo, algo que transparece na película. Nossa impressão é que ele utilizava grande parte do que filmava nas edições, como no filme *Ronuro, selvas do Xingu*.

Chegando a Cuiabá, uma cidade envolvida em conflitos armados, teve de esperar oito dias para exibir o filme *Os sertões de Mato Grosso*, tendo a música ao vivo sido conduzida por músicos do Batalhão Policial e do Quartel General. À sessão compareceram as principais autoridades da cidade. É interessante notar que todas as suas atividades que arrecadavam dinheiro acompanhavam o relatório, sendo de conhecimento de seus superiores, em particular, Rondon. As informações acerca de um ambulante do cinema nunca vieram a público até esse momento e demonstram um auto-financiamento que não dependia exclusivamente de verbas da Comissão, ou seja, Reis preparava um fundo próprio para suas atividades.

Depois de mais tomadas em Cuiabá do “filme social” *Mato Grosso em Revista*, aparentemente nunca editadas, mas que ele pretendia revelar durante o tempo que levaria a viagem para as Cataratas de Iguaçu³ – o relatório continua com o relato de Reis de suas filmagens das várias quedas das cataratas e das dificuldades que enfrentou para fazê-las. Tudo parece indicar que essas imagens fizeram parte, com o filme do funeral bororo, do

³ Documento microfilmado MI SARQ Microfilme 328 fotografias 1108 a 1115



programa apresentado em Nova Iorque em 1918, durante conferência de Theodor Roosevelt no *Carnegie Hall*. Coroador por passagens afeitas a um romantismo viajante, a segunda parte do relatório parece ser continuação de uma aventura pelo interior do Brasil, agora sem os índios, mas sob a grandiosidade da natureza. O relato das cenas das quedas, por exemplo, pauta-se por um forte teor romântico, aparentemente adotado no filme exibido em Nova Iorque.

As filmagens da caçada da onça⁴

Esse documento é um relato das filmagens e das situações em que Reis esteve envolvido durante a preparação da caçada e dos momentos em que estivera diante de alguns felinos, e possui um valor etnográfico sobre o sertanejo e suas relações com a natureza. Segundo ele, a caçada de onça coloca o homem diante da natureza selvagem; ao enfrentar o felino somente com armas brancas, cria uma situação de “igualdade” de chances, em que a espera e o controle das marcas deixadas no chão e outros indícios situam a peleja no campo da estratégica, da descoberta dos passos do inimigo. Há muitas histórias sobre os felinos entre os sertanistas e nos relatos de Rondon, principalmente pelo fato de eles pouco serem vistos durante o dia, tornando o imaginário fecundo de memórias orais. Suas conversas, suas ansiedades e sua mentalidade são tra-

tados por Reis. O relato narra o cerco a três felinos e como Reis filmou esses eventos. Ele diz não ter podido tomar cenas de caçada quando acompanhado de Theodor Roosevelt e Rondon, pois o ex-presidente dos Estados Unidos não permitiu ser filmado. Ele não queria aparecer em películas caçando onças no Brasil, evidenciando que a idéia de fazer um filme sobre caçadas de onça existia desde essa época.

Esse relatório é uma extensa descrição de Reis de suas dificuldades de filmar uma caçada de onças, em que várias vezes esteve muito próximo do felino, em situações perigosas e sem controle. No fim, expressa sua frustração com as tomadas dos vários cercos e caçadas aos felinos, que acabaram mortos, mas sem revelar qualquer dramaticidade. Mais uma vez, ao retornar para Corumbá depois de tentar filmar a caçada, Reis manda imprimir programas e bilhetes, faz acordo com um empresário local de 60% da bilheteria na primeira exibição e 50% na segunda, tendo ele de pagar a música, e passa o filme *Mato Grosso em Revista*, o chamado “filme social” que estava em gestão no primeiro relatório, com o que se pode concluir que ele fez sua edição durante a estada na fazenda em que ocorreram as caçadas. Esse filme não consta normalmente de sua filmografia, e não foi encontrado, talvez por ter sido deixado em Cuiabá, onde teria se perdido, ou estar guardado em algum baú, pois Reis indica que a película poderia ter mais bilheteria, depois de sua partida. As notas e recibos existentes indicam que todas as suas ações eram acompanhadas e aceitas

⁴ Documento microfilmado MI SARQ Microfilme 328 fotogramas 1116 a 1127

por seus chefes imediatos, o que de certa forma também legitimava as ações da Comissão Rondon e do SPI nos locais em que tinham sua base mais forte, principalmente em Cuiabá, onde o escritório central da comissão estava sediado.

⁵ Documento microfilmado MI SARQ Microfilme 329 fotogramas 1500 a 1512.

O memorando a Rondon⁵

Endereçado ao general Cândido Mariano da Silva Rondon em setembro de 1919, esse importante documento infelizmente também não foi encontrado no Museu do Índio quando realizei minhas pesquisas, e seria de grande relevância para compreender melhor a relação entre Reis e Rondon, bem como a visão de Reis sobre suas atividades. O memorando alude às manifestações que ocorreram por ocasião das comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil, em 1922, e lembra que havia sete anos da primeira apresentação do filme *Sertões de Mato Grosso*, o primeiro de Reis, do qual, como dissemos anteriormente, só foram encontrados alguns fragmentos. Ele não só ressalta que esse filme, mesmo sendo ainda pequeno, era uma mostra do que poderia ser realizado, tendo em vista os poucos recursos e meios para obtê-lo, como também critica a falta de liberdade econômica para continuar filmando. Nesse documento, Reis faz um relato de seus filmes até então e os qualifica:

1) *Expedição Roosevelt*: filme que Reis teve muita dificuldade em fazer devido à falta de organiza-

ção da expedição, segundo ele, realizada com muita precipitação e não permitindo que fizesse as revelações em viagem; em outra passagem, Reis diz que esse filme acabou não se tornando uma realidade em razão de muitas perdas durante as filmagens;

2) *Mato Grosso em revista*: filme, já comentado, sobre atualidades políticas do Estado e, segundo ele, muito apreciado no Mato Grosso;

3) *Os índios coroados*, depois chamado de *Rituais e festas Bororo*, que Reis credits como um de seus melhores filmes e do qual reitera que existe uma cópia no programa que serviu de ilustração a uma conferência do ex-presidente Roosevelt, acrescentando: “Este *films* foi bem executado tendo sido evitados os senões que poderiam diminuir a perfeição de uma empresa do sertão, os filmes nessas regiões necessitando de certa experiência para que possam sair bem feitos”;

4) *Caçada de onça no sul do Estado*: confirmando a edição do filme, segundo ele, muito pequeno, considera-o um bom filme mesmo com o fato de novamente reafirmar suas frustrações com a filmagem: “(...) as onças não se deixaram fotografar lutando”;

5) *Quedas do Iguassú*: para Reis, um filme de má qualidade, principalmente por ter sido aberto

em uma viagem de correio, velando a película. Ele, porém, afirma que “(...) escapou alguma coisa que está na América”;

6) *O ouro branco*: filme pouco conhecido de Reis sobre a extração de borracha, caucho e castanha, executado no Gy-Paraná; segundo suas palavras: “(...) um dos melhores trabalhos da Comissão, perfeito sob todos os pontos de vista, podendo servir de exemplo de filme sertanejo”;

7) *Rio de Janeiro e São Paulo*: filme também pouco conhecido de Reis e que não consta de sua filmografia. Realizado para ilustrar a conferência de Roosevelt, mostra “(...) bonitos pontos de vista, executado para acompanhar o programa para a América do Norte”.

Nesse documento, podemos perceber com detalhes a vasta informação técnica de Reis sobre o desenvolvimento dos aparelhos cinematográficos e do processo de revelação, como também de aspectos da projeção e recepção das imagens, porém não me deterei neles. Cabe somente citar, dentre os dados que ele conhecia, o desenvolvimento da câmara francesa *Eclair*, concebida depois da Primeira Grande Guerra com base no desenvolvimento dos equipamentos ingleses.

O dado mais relevante, e ainda inédito, desse memorando é a afirmação de que seus filmes foram negociados

em 1918 com uma companhia norte-americana, chamada Interocean, por meio de um contrato de cinco anos de distribuição. Essa informação torna Reis um dos primeiros cineastas brasileiros a procurar distribuição para seus filmes, e tudo indica que foi o primeiro brasileiro a ter um contrato internacional de distribuição.

As afirmativas de Reis demonstram que, além de projetar seus próprios filmes para conseguir verbas extra-orçamentárias e continuar suas atividades, ele também tinha entendimentos internacionais acordados para a exibição e a distribuição de seus filmes, o que nos parece muito avançado para a época, principalmente se levadas em conta as características “oficiais” de suas películas. Esse relatório apresenta ainda um novo argumento de filme para as comemorações do centenário da Independência do Brasil, com roteiro de filmagem e detalhamento dos custos de produção, como equipamento, pessoal e logística de produção.

Reis e a cadeia cinematográfica: da produção à recepção

Com base na leitura dos relatórios, podemos indicar algumas novas questões sobre a produção imagética da Comissão Rondon e as relações entre Reis e Rondon. A primeira, fascinante, foi saber que ele era um ambulante do cinema, alugando salas, negociando bilheterias, pagando bandas de música

e levantando meios para continuar a filmar. Reis tornava essas atividades uma ação oficial, pois informava seus superiores e prestava contas com números e recibos. Além das verbas conseguidas nessas apresentações, legitimava as ações da Comissão no sertão, principalmente em Mato Grosso. A situação incômoda de um filme que mostrava um sertão bravo e rude fez com que ele produzisse outro filme indicando a chegada da civilização na cidade, um “filme social”, como diz, cujo exemplo foi Cuiabá. Reis, portanto, neociava amplamente suas películas e sua presença com a elite local. Outra informação relevante é a descoberta de, ao menos, quatro filmes que ainda não foram encontrados e que geralmente não constam da filmografia de Reis. *Mato Grosso em revista*, *A caçada de onça no sul do Estado*, *Cataratas de Iguassú*, e *Rio de Janeiro e São Paulo*. Junto com *Rituais e festas Bororo*, os três últimos fazem parte do programa apresentado em Nova Iorque sob o título *De Santa Cruz*. Chamado *Wilderness*, nos Estados Unidos, é possível que ainda haja cópias nesse país. Consta também que existiria um filme chamado *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso*, mas tudo indica que essa película não foi editada ou, como o próprio Reis escreveu, as filmagens não tiveram sucesso, uma vez que o programa apresentado nos Estados Unidos continha filmes posteriores à passagem de Roosevelt no Brasil. Geralmente, o título *De Santa Cruz* consta entre os filmes produzidos e não encontrados,

mas sem detalhar que se trata de um conjunto de películas agregadas, como *Ao redor do Brasil*, datado de 1932, porém com filmes diferentes, filmados e finalizados antes dessa data. De posse desses novos dados, podemos fazer a seguinte relação dos filmes realizados por Luiz Thomaz Reis:

- 1) *Os sertões de Mato Grosso* (1912): restam poucos fragmentos dessa película, que é a primeira de Reis;
- 2) *De Santa Cruz* (1917), programa cinematográfico com os seguintes filmes: *Rituais e festas Bororo* (1917), 20 min., filme encontrado, e três filmes não encontrados: *A caçada de onça no sul do Estado* (1917); *Cataratas de Iguassú* (1917) e *Rio de Janeiro e São Paulo* (1917);
- 3) *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso* (1915), filme que consta da filmografia, mas provavelmente nunca foi editado;
- 4) *Ouro branco* (1917), segundo Reis, um dos melhores trabalhos da Comissão, sobre a seringa, o caucho e a castanha, executado no Gy-Paraná e também não encontrado;
- 5) *Mato Grosso em revista* (1917), filme não encontrado;
- 6) *Inspecção no Nordeste* (1922), filme não encontrado;
- 7) *Operações de guerra* (1926), sobre as operações militares contra a Coluna Prestes no estado do Paraná, para as quais Rondon



foi deslocado e das quais participou levando Reis para filmá-las; também não encontrado;

8) *Ao redor do Brasil – aspectos do interior e das fronteiras do Brasil* (1932), 71min. Programa encontrado na totalidade com os seguintes filmes: *Ronuro, selvas do Xingu* (1924), 15 min.; *Viagem ao Roraimã* (1927), 10 min.; *Parimã, fronteiras do Brasil* (1927), 24 min. Consta desse programa a viagem pelo rio Araguaia e o encontro de Rondon com os índios carajás da Ilha do Bananal (1932), 22 min.; 9) *Inspeções de fronteiras* (1938), 80 min., filme realizado quando Rondon já não dirigia mais a Inspeção de Fronteiras, mas ele o elege como extensão da Comissão Rondon (Tacca, 2001, p. 95); Charlotte Rosembaun consta como assistente de Reis nessa película e também fotografa a expedição.

Quanto à comercialização de um filme durante sua viagem aos Estados Unidos para apresentação de um “programa cinematográfico” nas palestras de Theodor Roosevelt no Carnegie Hall, em 1918, Reis informa que negociou esse filme com uma companhia de distribuição internacional, Interocean, e essa informação o situa na vanguarda da distribuição fora do país, sendo talvez o primeiro a realizar tal operação. Mesmo com retorno ignorado, ele pretende usar a viagem que propõe fazer para comprar equipamentos para um novo filme que

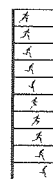
poderia “salvar” a área de cinematografia da Comissão Rondon.

A proposta de realização de um filme para o centenário da Independência também é novidade. Ainda que tal filme não tenha sido produzido, as justificativas elencadas por Reis para a continuidade dos trabalhos cinematográficos e fotográficos foram importantes para as produções posteriores da Comissão, chegando à Inspeção de Fronteiras em 1938. Cabe lembrar que o próprio Rondon, mesmo não estando à frente desse órgão na ocasião, insere a Inspeção de Fronteiras no espírito da Comissão Rondon, como “filha diletada da comissão”, razão pela qual tínhamos conduzido assim nossas análises da produção imagética da Comissão Rondon (Tacca, 2001).

Os relatórios demonstram que Reis detinha conhecimentos técnicos avançados sobre revelação e preservação, e sobre equipamentos cinematográficos, que reafirmam sua competência técnica nas filmagens e nos processos de revelação e edição, bem como permitem uma visão mais completa, tanto das atividades que podem se incorporar à sua visão de produção, argumento e roteiro, quanto de sua noção de mercado, com o aluguel de salas no interior para exibir suas películas e arrecadar fundos, e com a distribuição internacional e a atenção que dedicava à questão da recepção de filmes na época. Reis, dessa forma, era não somente um cineasta no sertão, como mantinha intensa relação com toda rede da indústria cinematográfica, no Brasil e no exterior.

Referências bibliográficas

- GUSMÃO, Clovis de. *Rondon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- JORDAN, Pierre. *Premier contact – Premier regard*. Marseille: Musée de Marseille/Images en Manuvres Editions, 1992.
- LASMAR, Denise Portugal. Estoques de informação: o acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio como fonte de informação. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, ECO/UFRJ, 2002.
- MAGALHÃES, Amícar Botelho de. *Pelos sertões do Brasil*. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1930.
- _____. *Impressões da Comissão Rondon*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.
- _____. O problema de civilização dos índios no Brasil, *Revista America Indígena*, n. 2, México, vol. III, abril de 1943.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogo de espelhos*. São Paulo: EdUSP, 1993.
- PIAULT, Marc-Henri. O corpo nu dos índios e o soldado redentor: da indianidade e da brasilidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 12, n. 1, Rio de Janeiro, 2001.
- MONTE-MÓR, Patrícia. Tendências do documentário etnográfico. In: TEIXEIRA, Francisco Einaldo (org.) *Documentário no Brasil*. São Paulo: Summus, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *O indigenista Rondon*. Rio de Janeiro: MEC – Serviço de Documentação, 1958.
- REIS, Luiz Thomaz. Relatório apresentado ao Capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães, chefe do Escritório Central da CLTEMGA, pelo 2º tenente Luis Thomaz Reis, encarregado da Seção Fotografia e Cinematografia, de outubro de 1916 a março de 1917. Suplemento n. 7 – Relatório do 2º tenente Luis Thomaz Reis encarregado da Seção Fotografia e Cinematografia. In: *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – Relatório dos trabalhos executados durante o ano de 1916 pelo Escritório Central no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, fevereiro de 1918 (documento microfilmado MI SARQ, microfilme 328 fotogramas 685 a 1146).
- _____. Memorandum de Thomaz Reis ao General Cândido Mariano da Silva Rondon. Rio de Janeiro, setembro de 1919 (documento microfilmado MI SARQ Microfilme 329 fotogramas 1500 a 1512).
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Missão Rondon – Apontamentos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas de 1907 a 1915*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio, 1916.



- _____. *Conferências – Realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em S. Paulo*. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1922.
- _____. *Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906*. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1920.
- _____. *Expedição ao Rio Ronuro (1924)*. Relatório do capitão Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos, anexos dois relatórios do capitão Luiz Thomas Reis sobre: 1. *Serviços Fotográficos e Cinematográficos* e 2. *Serviço Antropométrico*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, CNPI: Imprensa Nacional, 1945.
- _____. *Índios do Brasil – Do Centro ao Noroeste e Sul de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura: CNPI, vol. I, 1946.
- _____. *Índios do Brasil – Cabeceiras do Xingu / rios Araguaia e Oiapoque*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura: CNPI, vol. II, 1953.
- _____. *Índios do Brasil – Norte do rio Amazonas*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura: CNPI, vol. III, 1956.
- ROOSEVELT, Theodore. *Nas selvas do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1942. Edição original publicada em 1914.
- TACCA, Fernando de. A imagética da Comissão Rondon. *Osaka University of Foreign Studies Review*, Spring, New Series 16, 1996.
- _____. O índio pacificado: uma construção imagética da Comissão Rondon. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 6, n. 1, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. O feitiço abstrato: do etnográfico ao estratégico. A imagética da Comissão Rondon. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, FFLCH/USP, 1999.
- _____. *A imagética da Comissão Rondon – Etnografias fílmicas estratégicas*. Campinas: Papirus, 2001.
- _____. Rituais e festas bororo: a construção da imagem do índio como ‘selvagem’ na Comissão Rondon. *Revista de Antropologia*, vol. 45, n. 1, São Paulo, USP, 2002.
- _____. Luiz Thomaz Reis: etnografias fílmicas estratégicas. In: TEIXEIRA, Francisco Einaldo (org.) *Documentário no Brasil*. São Paulo: Summus, 2004.
- VIVEIROS, Esther de. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

Abstract

The article looks over reports sent to Rondon by Luiz Thomaz Reis, in which he describes his cinematographic activities, allowing us to take grasp of the amplitude of his expertise on technical equipments, image processing, cinematographic

script, production, exhibition and distribution. Highlighted in the article is the showing of his films across the interior of Brazil and the fact that an international distribution contract was signed in 1918 with Interocean, an American company.

Key words

Rondon Commission, Luiz Thomaz Reis, ethnographic film history, visual anthropology, brazilian cinema.

Recebido em

novembro de 2004

Aprovado em

março de 2005